

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA –
Unidade Acadêmica de Educação a Distância
Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras



LINHA DE PESQUISA: Linha 01 - Representações e Estudos sobre Raças e Relações Étnicas : África e Africanos, Povos Indígenas e Negros no Brasil.

Manjaco: Construção das identidades a partir da contraposição ao projeto ideológico do ‘homem novo’ no contexto pós-colonial (1963 – 2012).

Virginio Vicente Mendes

Projeto de Pesquisa – submetido ao Programa Pós-Graduação em História na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito para obtenção de título de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras.

DURAÇÃO: de fevereiro 2019 a fevereiro 2021.

Sumário

INTRODUÇÃO	1
2.1 Região de Cacheu e o povo Mandjaku	1
2.2 Sociedade Manjaco	2
2-JUSTIFICATIVA	3
3-PROBLEMA DE PESQUISA	4
4- OBJETIVO	4
4.1 – Objetivo Geral:	4
4.2 – Objetivos específicos:	5
5- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA	5
6-FONTES	7
7- CRONOGRAMA DE PESQUISA	7
Cronograma de execução do projeto.	7
8 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	8

INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau fica situada na Costa Ocidental da África, fazendo fronteira com Senegal ao Norte e Guiné Conakry ao Sul. Banhada pelo oceano Atlântico tanto na costa Leste quanto Oeste. Possui clima tropical com diferentes paisagens, ecossistemas diversos e uma rica biodiversidade (flora e fauna). A Guiné Bissau tem superfície de 36.126 km² e vastas bacias hidrográficas, com rios Cacheu, Geba e Mansoa. Possui cerca de 90 ilhas e ilhéus, sendo 17 habitadas. Dividida administrativamente em um setor autônomo chamado Bissau e três províncias: Norte, Sul e Leste. Na província do Norte ficam Biombo, Cacheu e Oio; na província do Leste temos a Bafatá e Gabu e na província do Sul estão Bolama dos Bijagos, Quinara e Tombali.

No século XIII os Mandingas vindos do Mali conquistaram as duas atuais regiões da província do Leste e instalaram o império de Gabu sob administração do Mali, que mais tarde no século XV ganhou autonomia. Já no século XIX, este reino foi objeto de disputa pelos Fulas, num evento bem lembrado por muitos guineenses da atualidade como “batalha de Kansala”. O reino foi levado à submissão do Império Fula, ficando sob sua hegemonia até finais do século XIX e começo do XX. É importante afirmar que a Guiné-Bissau se conforma a partir de um território colonial (a Guiné Portuguesa) que é constituído entre o final do século XIX e o primeiro terço do século XX.

Conforme o Instituto Nacional de Estatística da Guiné-Bissau, a população estimada é de 1,4 milhões e segundo censo realizado em 2008, existiam aproximadamente 1.442.227 (um milhão quatrocentos e quarenta e dois mil, duzentos e vinte setes) habitantes, distribuídos da seguinte forma: [...] Os Fulas correspondem ao grupo com maior expressão no país (28,5%). Seguem-se os Balantas (22,5%) e Mandingas com 14,7%. A população pertencente ao povo Papel corresponde a 9,1%, e os Manjaco correspondem a 8,3%. As pessoas pertencentes aos demais grupos, Nalu, Saracole e Sosso correspondem a proporções abaixo de 1% [...]. Não se pode falar da Guiné-Bissau sem citar a chegada das caravanas dos comerciantes e aventureiros portugueses, que se deu no ano 1446 sob o comando do Nuno Tristão. Estes para garantirem suas transações, instalaram a primeira feitoria na região de Cacheu em 1588. Desde a instalação da primeira feitoria até 1879 a Guiné era província de Cabo Verde e posteriormente ganhou autonomia, porém após a Conferência de Berlim realizada em 1884/85, os portugueses visando o controle da região dominam este território, obrigando a população ao trabalho forçado e pagamento de imposto.

Em 1960 ocorre o processo de descolonização da África. Portugal possuía cinco colônias (Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe). Sua recusa em ceder ao domínio destes territórios propiciou o crescimento da luta pela independência. Os movimentos nacionais da libertação desencadearam a luta. No caso da Guiné, o partido principal e protagonista pela independência foi o PAIGC - Partido da Independência da Guiné e Cabo-Verde, fundado em 19 de setembro 1956, por seu mentor e líder Amílcar Lopes Cabral, em conjunto com outros camaradas guineenses e cabo-verdianos. Com o objetivo principal levar avante a libertação da Guiné e Cabo- Verde.

2.1 Região de Cacheu e o povo Mandjaku

Descreve Mendes (2014, p. 24-27) que [...] a região de Cacheu localiza-se no norte do país na fronteira com República do Senegal. Esta região é constituída por seis setores: *Bigene, São Domingos, Bula, Caio, Canchungo*. A maior parte dos habitantes desta região é do grupo étnico *manjaco* [...]. Na sequência, Mendes (op. cit. idem) demonstra a divisão da sociedade desta região entre nove comunidades. Tais agrupamentos advêm de três critérios relacionados à proximidade geográfica, parentesco e afinidade linguística, são eles:

O subgrupo *Djeta, Picixe e Caió*; o subgrupo *Canhobe, Tam e Pandim*; o subgrupo *Babok* (...) que integra *Canchugo, UtiaCôr, Pontchenar, Canou, Bará, Capol, Badjope, Blequisse, Cadjindjassa, Tchualam, Petabe, Beniche* etc.; o subgrupo *Tchur*, que integra *Tchur, Cacheu, Mata e Bianga*; o subgrupo *Pantufa*, o subgrupo *Pelundo e Binhante*; o subgrupo *Basserele*; o subgrupo *Caliquesse*, e subgrupo *Cobiano* (MENDES, 2014, p. 24-27).

2.2 Sociedade Manjaco

Como em toda a África ocidental, estas comunidades (*manjacos*) são constituídas por famílias extensas ou alargadas, que são definidas da seguinte forma:

[...] caracterizadas pela existência do grupo constituído por homem, mulher (ou mulheres), filhos, sobrinhos e outros parentes em linha recta – e em alguns casos até em linha colateral – os quais ficam rigidamente vinculados à obrigação de cooperar perfeita e lealmente na manutenção e perpetuação dessa unidade social (CARREIRA, 1961, p. 693).

São sociedades patriarcais, com destacado senso de coletividade e que prestam culto aos antepassados com filiação e descendência patrilinear, confirmando o exposto por Leister (2012, p.130), que informa: “nestas sociedades horizontalizadas prevalece o tipo de família patriarcal. O ‘indivíduo’ cede lugar ao grupo familiar – ‘coletivo’ – em que todos os membros mantêm íntima ligação entre si e as tradições são mantidas, principalmente, o culto aos antepassados”. Os manjacos estão divididos em *tabankas*, e estas, por sua vez, subdivididas em outros grupos com mesma linhagem patrilinear (famílias extensas ou alargadas), desde o período pré-colonial. Bicari fala sobre estas famílias alargadas:

A primeira célula da vida social organizada em que se geram e se harmonizam as relações econômicas (produção, transformação, distribuição, troca, “dívidas” e “créditos”), sociais (família, linhagem, etnia, gênero, educação, saúde), políticas (direitos, deveres, encargos, hierarquias, heranças) e cosmológicas (religião, magia, tempos e espaços sagrados e profanos) da sociedade étnica. (BICARI, 2004, p.136)

Funções predeterminadas para cada linhagem é a marca desta sociedade. Alguns sepultam os mortos, os *Bakuram*; outros são adivinhos, os conhecidos como *Bapene*; outros chamados de *Bamanham* (sacerdotes), que servem nos altares dos *Gëtchai* (espíritos), onde só estes podem ter e dar acesso, inclusive qualquer ato neste local sagrado é consumado pelo *Bamanham*; ainda existem os *Babucim* (famílias nobres). É uma sociedade essencialmente hierarquizada que se estabelece conforme descrição ascendente a seguir: *Naiëk Pëboka* (chefe da casa); *Naiëkkaboka* (chefe da linhagem/famílias extensas

ou alargadas); *Maték* (chefes de cada parte)¹; *Namantch Utchak* (chefe/régulo) de cada *tabanka* e no topo o *Namantchkor Baserel* (régulo dos régulos, que reside na *tabanka* de *Basserele*), confirmando o exposto:

Têm um sistema de organização territorial em regulados. Sistema este que sobreviveu à colonização e protagonizou, nos anos 80, um episódio conhecido de revitalização do poder tradicional, através da escolha de um régulo por critérios tradicionais, contra os critérios das autoridades administrativas (PINTO, 2009, *Ibid.*, p.35).

Como se pode perceber, a sociedade manjaco possui uma estrutura social pautada em questões balizadas numa perspectiva identitária que os definem pela relação do indivíduo com a comunidade a cultura.

2-JUSTIFICATIVA

A Guiné-Bissau, como vimos nas linhas anteriores, é um país composto por vários povos, dos quais os Manjaco, que ocupam a quarta posição na tabela classificativa dos povos guineenses. Os manjacos conseguiram se impor ao processo de homogeneização que foi tentado, enquanto projeto pelo PAIGC, que via aspecto negativo na diversidade de povos que integram a Guiné Bissau. Este trabalho se justifica por compreender como os manjacos construíram a sua identidade entre si; e entre outros povos em geral; estabeleceram valores frente a invasão colonial, e como se interpuseram ao processo de tentativa de fundação do povo guineense por parte do PAIGC. Em outras palavras, este projeto objetiva compreender como os manjacos se impuseram, sob o signo da diferença, aos contextos em que foram obrigados a se inserirem em um projeto pós colonial, que visava eliminar o estoque de elementos identitários existentes entre os povos guineenses.

No âmbito acadêmico, terá como finalidade de acréscimo para ajudar a enriquecer as futuras pesquisas sobre as identidades dos diferentes povos guineenses, além de servir para mostrar que as representações da África que prevalecem no Brasil, conforme defende Ivaldo Lima (2018), são dotadas de caráter homogeneizado. Assim sendo, é importante dispor de pesquisas que indiquem as diferenças e aspectos culturais dos muitos povos do continente africano. No âmbito político, visto que, nos meados da luta para a independência, o PAIGC elaborou um projecto conhecido como criação de “Homem Novo”, que não seria igual ao colono, e nem ao incivilizado nativo, mais um homem moderno, que continha as virtudes e padrões civilizacionais. Este projeto tinha como base a ideologia marxista-leninista, no contexto pós-independência. Já se vão 40 anos da independência, e o projeto de construção do homem novo, posto pelo PAIGC, se apresentou destituído de exequibilidade.

Importa destacar, neste sentido que este projeto se insere na perspectiva de tomar novas contribuições da historiografia produzida em África e no Brasil, como forma de entender a história do continente. As novas abordagens e repertórios teóricos metodológicos servirão para acrescer luzes ao contexto atual da Guine Bissau, que se encontra em crise decorrente de vários aspectos. O entendimento da sociedade manjaco, a luz das novas teorias, fará com que sejam trazidas a tona novas questões que possam contribuir com o entendimento das diferentes Áfricas, aliado ao contexto das relações

¹ A sociedade *manjaco* se subdivide em partes ou seções – clãs.

destes povos entre si e com os países lusofonos, dos quais o Brasil possui primazia e protagonismo.

Este projeto também contribuirá como elemento informativo para o governo na compreensão da realidade dos povos, em especial Manjaco, de modo que seja possível adotar as características políticas de cada povo para o contexto macro do país, ou, por outras palavras, enquadrar as realidades políticas dos povos na conjuntura da lei magna “Constituição Nacional”, em especial, no que diz respeito a construção do Estado-Nação, que reconheça e respeite a diversidade existente em seu seio. Ressalte-se que esta característica não é exclusiva dos países africanos, uma vez que a existência de muitos povos é também observada no Âmbito de países como Espanha, Itália, Grã-Bretanha, dentre outros. Para sustentar a discussão que se apresenta, cabe ressaltar que na época colonial isto é, depois da emancipação total do território nacional, os povos meio que perderam as suas identidades, mas tiveram sempre que serem mais flexíveis no que tange a invenção e reinvenção das suas identidades, o mundo capitalista, pode se averiguar nos vestimentas, musicais, a comida, modo de troca, a linguagem, entre outros aspectos, principalmente nas zonas urbanas e pode se também encontrar um numa percentagem menor nas zonas rurais. Esta situação será mudada durante a emancipação nacionalista para a independência que apostolava acabar com o “Homem Velho” e criar o “Homem Novo”.

3-PROBLEMA DE PESQUISA

No contexto apresentado sobre a situação da identidade Manjaco perante a implementação ideológica do projeto “homem novo” guineense, a pesquisa propõe a seguinte problemática: Seria possível que os manjacos abandonassem sua língua, cultura, costumes e tradições em detrimento de uma identidade guineense una? E até que ponto um Manjaco se reconhece como partícipe da nacionalidade guineense? Importa para esta questão, lembrar dos propósitos do pan africanismo, notadamente aquele localizado na segunda metade do século XIX, que sob o afã de dotar o continente africano de uma identidade una, balizada na questão racial, estabeleceu como projeto a abolição das fronteiras, adoção de uma língua e religião únicas, conforme discutem Appiah (1997) e Mbembe (2013). Certamente, o projeto “homem novo”, proposto como saída para a construção do novo guineense, está dotada de forte influência pan africanista.

Logo, faz-se necessário entender como os manjacos, enquanto povo, mantiveram suas identidades e souberam negociar práticas e costumes com as circunstâncias que enfrentaram, no caso, o contexto colonial, e o processo pós colonial, fortemente influenciado por questões pan africanistas. Para tanto, importa saber como os manjacos enquanto um povo que emerge na formação da sociedade guineense, constitui sua identidade em contextos francamente desfavoráveis, ou, como se afirmam manjacos no seio da sociedade guineense em geral?

4- OBJETIVO

4.1 – Objetivo Geral:

Compreender as identidades Manjacos face o projeto do “Homem Novo”, proposto pelo PAIGC²; bem como nos contextos da Guiné Bissau colonial e do período atual.

4.2 – Objetivos específicos:

- Identificar como as identidades Manjaco se efetivam na construção do Estado-Nação Guineense, sob os pressupostos ideológicos do projeto “Homem Novo”;
- Discutir a consolidação dos hábitos, costumes, língua e práticas frente ao contexto pós-colonial;
- Analisar o processo de integração dos manjacos ao PAIGC, e de como se integraram na constituição deste partido;
- Sistematizar e levantar obras literárias que tenham sido escritas em língua manjaco, e que tenham contribuído com a retroalimentação desta identidade.

5- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

Sobre a história da Guiné Bissau e dos seus povos, muito há que ser feito, sobretudo se levarmos em conta a natureza de eventos que ainda estão a espera de respostas. Numa pesquisa científica, importante dispor de um aporte teórico que leve em conta a natureza do objeto. A identidade, enquanto objeto de estudo, necessita ser cotejada pelo repertório conceitual da História, em franco diálogo com a Antropologia, e para tal, os trabalhos de Sahlins (2003) são fundamentais para entender os processos de análise da identidade, sobretudo aquelas que se constituem em meio aos contextos de tradição, que de certa forma é o caso dos manjaco.

Esta pesquisa, portanto, terá o imprescindível diálogo com a Antropologia, amparada pelos Estudos Africanos, principalmente aqueles indicados em profícua discussão entabulada por Obengá (2010) no volume I da coleção HGA. Esta pesquisa será feita apoiada numa profunda revisão bibliográfica, sistematizando autores que se debruçaram sobre as identidades de diferentes povos do continente africano. Para este aspecto, deve-se ressaltar que outros povos constituíram suas identidades a partir de diferentes especificidades, a exemplo dos tamacheques, que ainda hoje lutam por um estado nacional autônomo (MAHFOUZ, 2014; 2015).

Além de revisão bibliográfica, que irá complementar os livros, artigos, jornais, teses e periódicos produzidos por autores que se debruçaram sobre esta temática, este projeto irá se apoiar em entrevistas entrevistas semi-estruturadas com os velhos e jovens que constituem o povo manjaco. Também será importante buscar relatos de experiências dos homens e mulheres que vivem na sociedade manjaco. Formas de fazer, de cantar, de produzir, danças, costumes, dentre outros, serão objeto da intervenção desta pesquisa, com o intuito de perceber o fazer-se manjaco na prática, de como este constitui sua diferença para com os demais povos guineenses.

Ao discorrer sobre identidade enquanto um conceito pautado em perspectivas do campo da cultura, logo, um constructo sócio-histórico-cultural, é importante deixar claro, conforme discussões entabuladas por Ivaldo Lima (LIMA, 2018), que as identidades são construídas ao longo de um determinado período de tempo, posto que nenhum

²Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde.

manjaco assim ou seja sob questões do âmbito da natureza. Logo, não se é manjaco por questões de nascença, mas por ter o indivíduo adquirido esta identidade, interagindo com a mesma, em plena vivência/ convivência com os outros.

No tocante a identidade manjaco, Clara (1998) define os manjacos como um povo que tem as suas próprias características sociais, linguísticas e aparentadas milenares. Perante outros povos, ela destaca o fato de terem os manjacos uma língua própria, e uma organização social dotada de forma política própria. Ela cita também, em diálogo com outros autores, sobretudo Frederik Barth (2000), que muitos povos tiveram suas tradições inventadas, notadamente nos períodos pós-independências. Como bem demonstra Cá (2005), “Amílcar Cabral afirmar: 'A luta de libertação é, acima de tudo, um ato de cultura'. Só um povo que preserva a sua cultura é capaz de se mobilizar para luta e esta, por sua vez, torna-se um fator de cultura à medida que o dinamismo social se desencadeia” (CÁ, 2005, p. 52).

Na leitura da Clara, “a designação de "etnia", e mesmo de "tribo", vulgarizadas não só pela sua utilização científica como, sobretudo, pela sua difusão durante a administração colonial, aplicam-se atualmente a muitos que contradizem o nacionalismo dos novos Estados independentes.” Cá afirma que, baseando nas ideias de Davidson (ano), o sucesso da luta para alcançar o objetivo final seria [da necessidade] “dos jovens ultrapassarem, paulatinamente, os particularismos de cada etnia e os limites de cada região.” Adicionalmente, Cá acredita que com a educação haveria uma chance de construção duma cultura verdadeiramente nacional, enraizando nas boas dos usos, costumes positivos das culturas tradicionais (CÁ, idem, p. 54), (CLARA, idem, p. 42, 43).

Concluindo, Clara salienta que os fatores que atribui credibilidade e identidade para um povo se verificam desde a definição do seu próprio sistema político, religioso, e como puser como a única emergente, exemplificando os manjacos constroem sua identidade em meio a diferença dos demais povos da Guiné-Bissau, mas isso não os fazem ser mais importantes ou melhores do que os outros. Para este aspecto importa estabelecer liames com a antropologia, no sentido de entender os meios em que a identidade se constitui na urdidura do processo, na tessitura do cotidiano.

Cá alega que o PAIGC sonhava fazer uma revolução que os levassem- a superar o português, mas adiante ele demonstra, a falha e imitação do sistema educativo civilizatório colonial, que o PAIGC sem maior cautela herdou, visto durante a luta da independência em cada zona libertada era implementada a escola, e nestas, adotava-se o modus operandi do colonizador, além das dificuldades materiais existentes. Deve-se considerar que os tempos do período pós-independência foram adustos. A grande dificuldade com que se deparava, face aos recursos materiais, tentava-se associar a aprendizagem à produção e nas tarefas das comunidades. Além do mais, o PAIGC valorizou o que havia de positivo na sociedade linhageira (tradicional) guineense, combatendo os seus aspectos negativos(...), a submissão à autoridade frequentemente opressiva dos chefes étnicos (CÁ, idem, p. 53, 56). Visto que a identidade é algo que leva tempo para se constituir como tal, e assim como para destruí-la, “quando as forças da metrópole abandonaram "suas colônias," ressurgiram as tradições, as práticas cotidianas religiosas com seus risos e crenças, com suas músicas e danças, com suas dezenas de línguas diferentes. (CÁ, idem, p. 56). Em termo da conclusão da discussão da identidade, em especial na questão das línguas em disputa na área de ensino, Cá faz uma revisão bibliográfica muito interessante, balizando nas diferentes visões, como veremos a seguir:

A língua portuguesa com suas regras e condutas a seguir não foi, de início, conhecida e falada em outros continentes (...). A língua crioula, a mais difundida delas na Guiné-Bissau, também por não ser uma língua que contasse com código gráfico, ofereceu dificuldades para o trabalho consistente e eficaz de alfabetização que Paulo Freire empreendeu com elites dirigentes no país. A questão prática mais imediata é que ele não tem gramática sistematizada, nem dicionário formalizado na voz do COUTO, pois é eu desafiaria ele me exemplificasse uma única língua no mundo que a gramática antecede o seu surgimento (...) Para Freire, insistir no ensino do português significa impor à população um esforço inútil e difícil de ser alcançada (CA, idem, p. 52, 53).

6-FONTES

BOLETIM da Agência Geral das Colónias, n. 18, 1926.

BOLETIM da Agência Geral das Colónias, n. 85, 1932.

BOLETIM da Agência Geral das Colónias, n. 1, 1925.

BOLETIM Cultural da Guiné Portuguesa, vol. 1, 1946.

CASQUEIRO, Manuel. **Muzungu pululu**: homem branco transparente. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2013.

LEISTER, Fátima Cristina. Um Prefácio a Povos da Guiné-Bissau: o Boletim Cultural.

Revista Soronda, ainda em circulação e de responsabilidade do INEP.

Documentos da colonização portuguesa.

Entrevistas/tradição oral

Periódicos on line (Revista África(s), Estudos Afro-Asiáticos, Cadernos de Estudos Africanos, dentre outros).

Panfletos, livros e documentos do PAIGC sobre execução do projeto Homem Novo

7- CRONOGRAMA DE PESQUISA

Cronograma de execução do projeto.

2019 - Primeiro semestre:

1) Cumprimento de créditos obrigatórios e optativos, necessários para a 1ª etapa do mestrado.

2)Leitura e o fichamento da bibliografia referente aos temas (identidade, história da Guiné Bissau, cultura, dentre outros).

3)Levantamento bibliográfico e sistematização das pessoas a serem entrevistadas na Guiné Bissau.

2019 - Segundo semestre:

- 1) Cumprimento de créditos obrigatórios e optativos, necessários para a 1ª etapa do mestrado.
- 2) Leituras para o fichamento da bibliografia referente aos temas (identidade, história da Guiné Bissau, cultura, dentre outros).
- 3) Início das entrevistas com personalidades manjaco.

2020 - Primeiro semestre:

- 1) Conclusão das leituras para o fichamento da bibliografia.
- 2) Sistematizar os dados coletados para definir a estrutura da dissertação.
- 3) Realização das entrevistas/Transcrição das entrevistas.
- 4) Entrega da primeira versão dos capítulos da dissertação para o orientador e qualificação.

2020 – Segundo semestre:

- 1) Revisão da dissertação, antevendo possíveis ajustes e eventual complementação de dados.
- 2) Entrega da versão final da dissertação para a defesa.

8 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AG ADNANE, Mahfouz. Ichúmar: da errância à música como resistência cultural Kel Tamacheque (1980 – 2010). Raízes históricas e produção contemporânea. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação em História. PUC, São Paulo, 2014.

AG ADNANE, Mahfouz. Reflexões sobre a emergência da “questão tamacheque” em 1963 – 1964 sob Modibo Keita. **Revista África(s)**, vol. 02, n. 04, p. 21 – 32, jul/dez, 2015.

ANDRADE, Mário Pinto de. **A guerra dos povos na Guiné-Bissau**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1974/1975.

ANDRADE, Mário Pinto de. **Origens do nacionalismo africano: continuidade e ruptura nos movimentos unitários emergentes da luta contra a dominação colonial portuguesa: 1911-1961**. Lisboa: Dom Quixote, 1997. (Col. Caminhos da Memória).

ANJOS, José Carlos Gomes dos. Elites intelectuais e a conformação da identidade nacional em Cabo Verde. **Estudos Afro-Asiáticos**, no 03, 2003, p. 579 – 606. (está on line).

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai. A África na filosofia da cultura.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escomburo. Nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné Bissau.** Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BARRY, Boubacar. **Senegâmbia: o desafio da história regional.** Amsterdã; Rio de Janeiro: SEPHIS; CEAA, 2000.

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas.** Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CÁ, Lourenço Ocuni. **A educação durante a colonização portuguesa na Guiné-Bissau (1471-1973).** Rev. online Bibl. Prof. Joel Martins, Campinas, SP, v.1 , n.4, out. 2000.

CARVALHO, Clara. *Ritos de poder e a recuperação da tradição. Os régulos manjaco da Guiné-Bissau.* SORONDA REVISTA DE ESTUDOS GUINEENSE DE GUINÉ-BISSAU. Guiné-Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, vol. IV, n. 1, p.1-349, 1998.

CARREIRA, Antônio. **Vida social dos Manjacos.** Lisboa: Centro de Estudo da Guiné Portuguesa, 1947.

COUTO, Hildo Honório do. **O crioulo português da Guiné-Bissau.** Alemanha/Hamburg. UNB. 1998.

DAVISON, B. A libertação da Guiné: aspecto de uma Revolução Africana. Lisboa: Sá da Costa, p. 208, 1975.

GOMES, Patrícia Godinho. “As outras vozes”: percursos femininos, cultura política e processos emancipatórios na Guiné-Bissau. **Odeere**, ano 1, n. 1, p. 121-145, 2016.

GUILLEN, Antonio Ricardo Martins. **A descolonização da África e o lusotropicalismo:** repercussões no Brasil e em Portugal. Dissertação (Mestrado) - Programa de

Pós Graduação em História - Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALL, Stuart. **Da Diáspora. Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n.º 24, p. 68 - 75, 1996.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103 – 133.

HAVIK, Philip J. A dinâmica das relações de gênero e parentesco num contexto comercial: um balanço comparativo da produção histórica sobre a região da Guiné-Bissau, séculos XVII e XIX. **Afro-Ásia**, v. 27, p. 79-120 (2002)

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HORTA, José da Silva. “Nações”, marcadores identitários e complexidades da representação étnica nas escritas portuguesas de viagem. Guiné do Cabo Verde (séculos XVI e XVII). **Varia historia**, v. 29, n. 5, p. 649-675, 2013.

JAUARÁ, Manuel. **Análise do Processo de Transição Democrática na África Lusófona**. Curitiba: Ed. CRV, 2017.

KI-ZERBO, Joseph (org). **História Geral da África, Vol. I – Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010.

KOHL, Christoph. Integração nacional “por baixo”: a contribuição do associativismo em Guiné-Bissau. **Anthropológicas**, ano 15, v. 22, n. 2, p. 7-40, 2011.

KOUDAWO, Fafali. Guiné-Bissau: o país da dupla transição. In: **Cabo Verde e Guiné-Bissau: da democracia revolucionária à democracia liberal**. Bissau: INEP, p. 129-1512001.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Representações da África no Brasil. Novas interpretações**. Recife: Ed. Bagaço, 2018.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Representações da África no Brasil. Novas interpretações**. Recife: Ed. Bagaço, 2018.

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. **Estudos Afro-Asiáticos**, n. 01, 2001, p. 172 – 209.

MACQUEEN, Norrie. A consolidação nacionalista e as guerras de libertação. In: **A descolonização da África portuguesa: a revolução metropolitana e a dissolução do Império**. Mem Martins: Inquérito, p. 37-89, 1998.

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. **Estudos Afro-Asiáticos**, n. 01, 2001, p. 172 – 209.

MENDES, Paulina. Entre os “Saberes” e o “Saber” universal: **A modernização das comunidades manjaco e a mandjização do estado na Guiné-Bissau**. 2014, tese de (Doutorado Antropologia Jurídica) - Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

N'DJAI, Tchernó. **O Pensamento Político de Amílcar Cabral: Teoria e Prática em momentos decisivos na Libertação da Guiné-Bissau (1959-1969)**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

OBENGA, T. Fontes e técnicas específicas da história da África - Panorama Geral. In: KIZERBO, Joseph (org). **História Geral da África, Vol. I – Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010, p. 59 – 76.

PINTO, Paula. *Tradição e modernização na Guiné-Bissau: uma perspectiva interpretativa do subdesenvolvimento*. 2009, tese de (Mestrado em Estudos Africanos) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

RIBEIRO, Carlos. A articulação histórica dos povos da Senegâmbia pré-colonial (os crioulos como embrião da Nação guineense). In: **A construção da nação em África: os exemplos de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe**. Bissau: INEP, 1989, p. 219-242.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SAHLINS, Marshall. **Cultura na prática**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

SAHLINS, Marshall. **História e cultura – apologias a Tucídides**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

SAHLINS, Marshall. O “Pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção. **Mana**, nº 3, 1997, p. 41 – 73 e 103 – 150.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

SCHECHNER, Richard. **Performance Theory**. Nova Iorque: Routledge, 1988.

SILVA, António E. Duarte. **Invenção e construção da Guiné-Bissau**. [s.l.]: Almedina, 2010. (Coleção: Estudos de Direito Africano - Tema: Direito Constitucional).

SANTOS, Mário Beja & SILVA, Francisco Henriques. Do início da luta armada à independência. In: **Da Guiné Portuguesa à Guiné-Bissau: um roteiro**. Porto: Fronteira do Caos, p. 111-137, 2014.

TEIXEIRA, Ricardino Dumas. **Sociedade civil e democratização na Guiné Bissau. 1994 – 2006**. Recife: Ed. UFPE, 2010.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo: Cia das Letras, 1998.

TURNER, Victor. **Floresta de símbolos – aspectos do ritual Ndembu.** Niterói: EDUFF, 2005.

TURNER, Victor. **O processo ritual – estrutura e anti-estrutura.** Petrópolis: Vozes, 1974.

WONDJI, Christophe. Os Estados e as culturas da costa da Alta Guiné [trechos]. In: OGOT, Bethwell Allan (Ed.) **África do século XVI ao XVIII.** Brasília: UNESCO, 2010, p. 437-473. (História geral da África, V).